



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

WIDENER



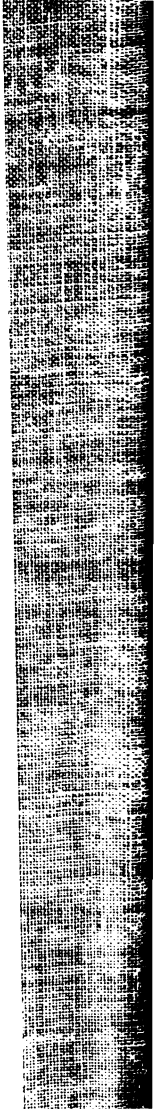
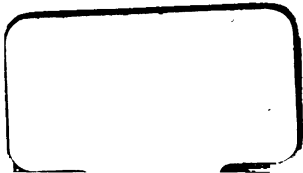
HN JRUZ W

L.110

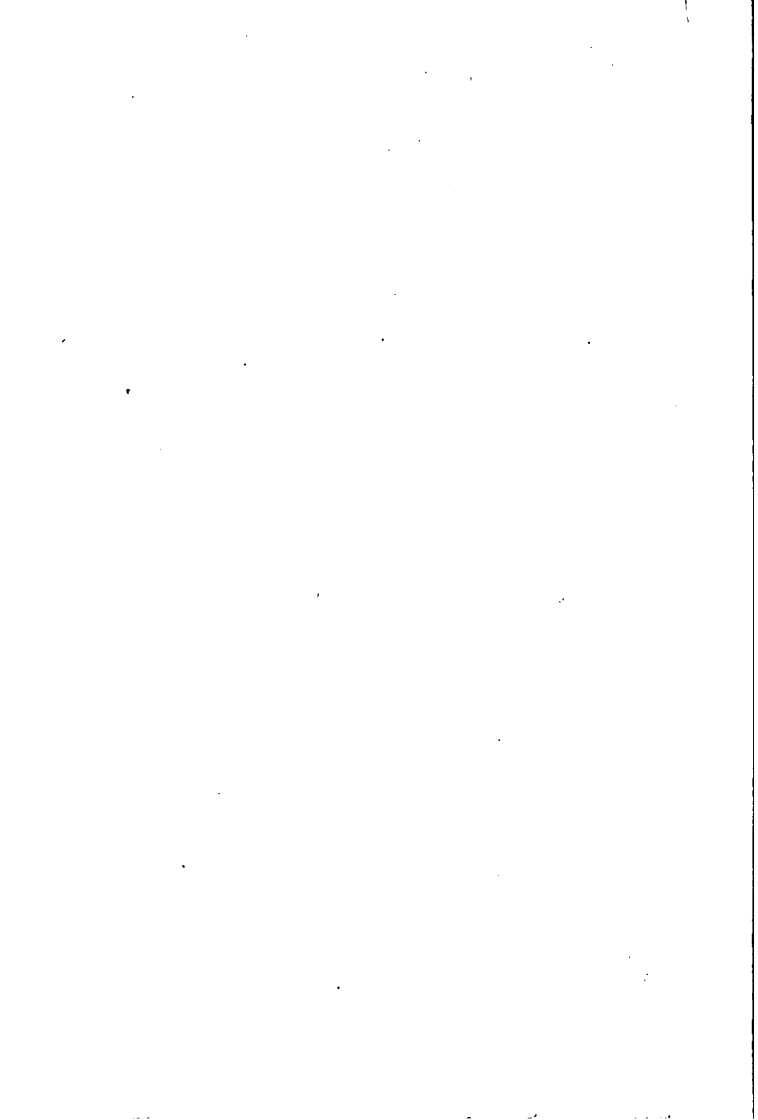
LUSITANOS



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY







.00
2/5 4/0

OS LUSITANOS

TRAGEDIA.

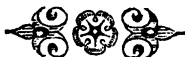


OS LUSITANOS

TRAGEDIA HISTORICA EM 5 ACTOS

POR

Manoel Leite Machado.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE BRITO & BRAGA

TRAVESSA DO OUVIDOR N. 17.

—
1860.

SAL 9256.41.117

✓



PERSONAGENS.

—

VIRIATO	PRIMEIRO CHEFE DOS LUSITANOS.
CURIO	} TENENTES DE VIRIATO.
TENTALO	
DICTALIÃO	
SERVILIANO.	} PRETORES ROMANOS.
CÆPIÃO	
OSMIA	FILHA DE VIRIATO.
MINUNCIO	} SIMPLES SOLDADOS DE VIRIATO.
MURILLO.	

Rei dos sacrificios, soldados romanos e lusitanos.

A acção passa-se na Lusitania e na Betica pelos annos 607
a 614 da fundação de Roma.





ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma sala de um antigo palacio nas vizinhanças da cidade de Evora; grandiosas arcarias a fundo, com reposteiros encarnados e escudos no meio.

SCENA I.

OSMIA, entrando em desalinho com uma espada em punho.

O' numes... poderosos e altos numes...
Se justos sois, como julgar vos pude,
Livrai a patria de um horror tamanho!...

(Treme-lhe o braço em que sustem a espada).

Não sei como este ferro inda sustento
Nesta tremula mão que me fraquêa!
Os traidores estão em toda a parte,
Commettendo infernaes atrocidades;
Zombando do poder dos sacros numes...
Já dispersos eu vejo os Lusitanos
Divagando no cume das montanhas,
E de balde meu pai tenta junta-los
Com palavras de amor á liberdade!...
Minha mãe... minha mãe... antes quizera
Perder a vida no fatal momento,
Apunhalada dos crueis algozes,
Confundida e abraçada a teu cadaver,
Do que sobreviver a tantos males!...

(Dirigindo-se ao fundo da scena).

Lá vem meu pai, e traz tão poucos Lusos...
Todavia, antes poucos resolutos,
Que muitos sem valor para o combate.

SCENA II.

OSMIA, VIRIATO E SEUS COMPANHEIROS.

VIRIATO.

Será crível, ó Céos, que passe impune
Esta scena de horror e de impiedade
Que faz bater o coração no peito
Desses bravos soldados lusitanos !...
Bem sabeis companheiros que trahidos
Todos fomos por esse infame Galba,
Quando nos seus protestos de amizade
Das mãos as armas conseguiu roubar-nos !
E á paz nos convidando como amigo,
Lá no sitio aprazado apenas chega
O infame, com damnada e negra furia,
Se lança qual o tigre ao nosso encontro !...
Quem sabe se ao poder de nosso braço,
Ao amor da vida e liberdade nossa
Devemos, não ter todos succumbido
A's sacrilegas mãos dos assassinos !...

(Com horror).

Oh ! Romanos... deveis córar de pejo,
Quando volver nos seculos futuros
Vossa historia manchada com tal feito !...
Se os famosos Phenicios se estenderam
Da Tingitana á lusitana terra,
Bem longe dè infamar o povo luso,
Seu coração lhe conquistar souberam
Para melhor gozar suas riquezas.
Se bem que pertinazes se mostrassem
Esses soberbos filhos de Carthago,
Nunca o sangue correu de nossas veias
Sellando o nome da traição horrenda ;
Se a Betica succumbe a dôr pungente,
Ou dorme já covarde recostada
Entre o delcete e o triste captiveiro,

E' que a luz da razão inda não pôde
Esclarecer seu rude entendimento !
Oh ! succumbam esses fracos ao tyranno,
Covardes soffrão a sua tyrannia :
Mas não se diga dos soldados lusos
Senão que morrem pela lusa terra...
E' tão doce e sagrada a liberdade,
Que por ella se deve dar a vida ;
E se vós, companheiros das fadigas,
Testemunhas dos perfidos Romanos,
Inda as dores sentis no triste peito
Os sentimentos partilhai comigo !...

TENTALO.

Viriato, sabeis que a sorte nossa
Depende muito de um distincto chefe ;
Nós vemos que sois forte e destemido,
Mui capaz de nos guiar a grandes cousas :
Tomai o mando em chefe dos que existem,
E contra os vis tyrannos oppressores
Marchemos a abater a frente sua
Porque é este o dever dos lusos peitos
Com gloria morrer !

VIRIATO (*voltando-se para Curio*).

Diz-me, Curio, amigo,
Concordas, tal proposta aceitar devo ? !...

CURIO.

Que tu aceites, desejamos todos,
Esse lugar que tão distinctamente
Te offerecem sinceros companheiros ;
Não é vaidade nossa, bem o sabes,
Mas é da patria o amor á liberdade
Que te faz semelhante offerecimento,
Cumpre agora aceita-lo de bom grado,
Como Luso distincto e valeroso.

Sabe que por vingar-me dos traidores,
De ha muito soffro no calado peito
O que meus labios te dizer não podem
A causa de tamanho soffrimento !...
Quantas vezes meus olhos vertem pranto,
O pranto amargo que a tristeza gera
Nas horas só do meditar profundo !..
Quantas vezes suffoco a dôr no peito,
Contemplando a voragem do infortunio
Sem dizerem meus labios... ai, sómente !...
Os nossos capitães assassinados
Eu vi cahir, á força das traições,
E depois dispersado o luso povo
Errante pelo cume das montanhas,
Sem poder encontrar um dino chefe
Que seus passos incertos lhe guiasse
Ao encontro dos tyrannos oppressores !
Mas de novo a coragem lusitana
Ja brilha e resplandece em nossos peitos
Por vermos Viriato nosso chefe
Valente defensor da liberdade !...
Aceita, companheiro das fadigas,
Este nosso espontaneo offerècimento ;
Irmãos somos... irmãos na dôr pungente,
A causa pois sustentaremos juntos,
Ou juntos morreremos na contenda !

VIRIATO.

O Céu propicio seja em favor nosso
Na santa causa de livrar a patria
Dos ferros desse perfido tyranno ;
Aceito o generoso offerècimento
Que fazeis por amor á liberdade
Desta terra de nosso nascimento,
Onde estranhos desejão escravisar-nos,
Manchando suas mãos em nosso sangue !
Queirão os numes que digno de taes honras
Mostrar consiga na vanguarda vossa,

Com a espada a victoria vos mostrando
Em face das fileiras inimigas...
Impio sangue espargindo dos tyrannos
Que desejão algemar os nossos pulsos
Neste solo que a luz nos deu primeiro !
O terror entre nós, ó companheiros,
Além de covardia, fôra crime...
Coragem... valor, é nosso rumo,
Não podemos seguir outro destino,
Que outro destino fôra escravisar-nos
Nos ferros dos Romanos oppressores !
Oh ! longe idéas vagas, tão sinistras
Que antes que a escravidão, quizera a morte...
Soldados lusitanos, não tremais
Em frente de inimigos tão soberbos
Que já domaram essas nações valentes,
Enchendo de trophéos o Capitolio !
Sim, valentes soldados lusitanos,
Lembraí-vos que uma vez os reprimistes
Lhes castigando o altivo atrevimento...
Antes morrer com gloria defendendo
Esta terra de nosso nascimento ;
Do que covardemente consentirmos
Que venhão escravisar-nos os Romanos.
Infame é sempre quem os ferros toma,
Inda sentindo arder em suas veias
O sangue oppresso, que inda pulsa a custo
Pelo nome da santa liberdade !..,

CURIO.

Se o vigor de teu braço occulto fôra
Aos poucos Lusitanos que te cercam,
Talvez receios nelles devisasses ;
Mas quem ha de temer e receiar-se
Commandado por ti, ó Viriato ? !...
Quem pôde recuar nem um só passo
Em frente de romanos assassinos,
Que para se nutrirem de paixões

Execrandas e cheias de torpeza,
Ousaram derramar tão cruelmente
Dos seios das donzellas mais formosas,
Esse sangue brotado da innocencia ?!
Oh ! em face de crimes tão nefandos
Ha de Roma tremer de nossa colera...
Ha de o rosto cobrir de envergonhada !
Avante, pois, que pela cara patria
Saberão se bater os Lusitanos,
Mórmente quando sustentar-lhes cumpre
A sua honra e a tão doce liberdade !...
Avante, pois... avante, heróe valente,
Dirige os nossos passos ao combate,
Verás esmorecer romanos peitos
Em face do valor dos Lusitanos !...

VIRIATO.

Não sabes, companheiro, quanto folgo
De assim te ouvir fallar tão aguerrido,
Tão cheio de valor e amor da patria,
E tão prompto em querer desaffronta-la !

CURIO.

Viva o valente capitão Viriato !...
Viva o guerreiro lusitano !...

SOLDADOS.

Viva !...

DICTALIÃO.

Que enthusiasmo louco vos preoccupa !
Tanta afouteza vejo em vossos peitos,
Tantas vinganças vãs imaginadas,
E pouca segurança em vossas vidas !
Que é isso, companheiros... pois acaso
Imaginais na liberdade vossa !

Antes soffrer o jugo em paz com elles,
Tributarios lhes sermos como amigos,
Do que incitarmos pertinaz peleja,
Que longe de ganharmos a victoria
Acharemos dobrado soffrimento,
E nos ferros mais longo captiveiro !

CURIO.

Oh ! quão baixos e tristes sentimentos
Tu ousas revelar ao chefe nosso...
Como és covarde... (*com ar de desprezo*).

DICTALIÃO.

Curio, vê o que fazes ;
Que ousando de novo provocar-me...

(*Levando a mão á espada*).

CURIO (*levando tambem a mão á espada*).

És um covarde...

(*Desembainhão ambos as espadas, e Viriato se mette no meio*).

VIRIATO.

Que imprudencia vossa !
Até aqui mesmo na presença minha
Buscais desse modo injuriar-vos,
Tornastes-me inda agora vosso chefe,
E já me desgostais amargamente
No vosso proceder tão temerario !...
E' mister respeitar o vosso chefe
Para ordem haver no seu commando,
De outro modo não quero tal encargo,
Tome-o quem a patria quer escrava !...
Mas quem terá taes sentimentos ainda ? !...

(*Olhando Dictalião com severidade*).

Teu proceder é digno de castigo,

Do valor de teu braço prescindimos,
Braços covardes enfraquecem fortes :
São qual a peste, que mata sem peleja.
Que paz, e que possível segurança
Podemos alcançar desses Romanos,
Que por mais de uma vez forão perjuros
Nos immolando nas traições tremendas ?!

(Vai ao fundo, corre o reposteiro, deixando ver os cadáveres de velhos, moços e donzellas pelo meio da praça).

Olhai... ponde aqui vossos olhos tristes,
Neste quadro de horror e de impiedade !
Eis-ahi o valor desses soberbos
Conquistadores já do mundo inteiro !...
Os velhos e donzellas innocentes,
Apunhalados sem a menor piedade !...
Nós, pois, teremos corações de bronze,
Para podermos contemplar as scenas
Que a nossos tristes olhos apresentão
Estes impios e barbaros Romanos :
Que mais nome tem pela covardia
Que achando vão por entre seus contrarios,
Do que por seu valor e acções beneficás !
Oh ! vamos, meus queridos camaradas,
Que proteger-nos-hão os sacros numes ;
Tomai as armas, e jurai comigo
Vingança eterna aos assassinos todos
Das innocentes immoladas victimas...
Vinde... vinde... jurai todos comigo,
Por esse sangue que dimana quente
Das feridas das candidas donzellas !...

(Entra na praça, e ahi tinge a sua espada no sangue de uma das victimas, depois marcha para o meio de seus companheiros).

OSMIA *(approximando-se do pai).*

Sim, meu querido pai, juremos todos
Esse sangue vingar dos innocentes.

VIRIATO (*com resolução, allongando a sua espada*).

Juro vingar essa traição romana,
Passando fomes, frios e calores,
Sem mais despir estas guerreiras armas
Até serem punidos os traidores.
Queimado seja pelo sol ardente,
Me seja o Céu cruel, e a mesma terra
Se abra após, para consumir meu corpo,
Se deixar de cumprir meu juramento...
Jurai também comigo...

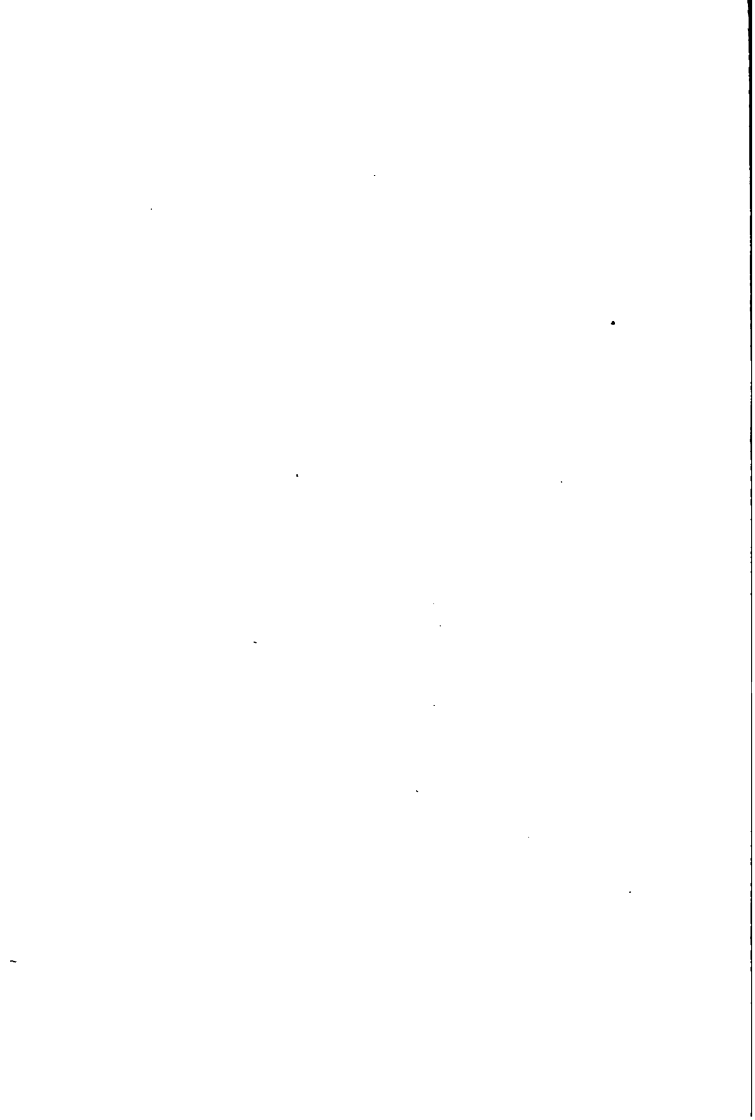
TODOS (*cruzando as espadas sobre a de Viriato*).

Nós juramos...

VIRIATO (*alçando a espada, e todos o imitando*).

Agora, ó Lusitania... ó patria minha...
Serás vingada... numes... guiai meu braço !...

FIM DO PRIMEIRO ACTO.



ACTO SEGUNDO.

O theatro representa de um lado bosques e rochedos, e do outro uma extensa planicie, deixando ver ao longe a cidade de Carpetania.

SCENA I.

VIRIATO E SEUS COMPANHEIROS.

DICTALIÃO.

Se a tempo os males evitar podemos
Com prudencia salvar as nossas vidas,
Para que a certa perdição expôr-nos?!

(A Viriato que está na frente dos soldados meditativo.)

Tu vês esmorecer teus companheiros
Em frente do poder de seus contrarios,
Que se julgão já nossos vencedores
Ao verem que pequeno é nosso numero
Comparando-o ao seu na quantidade...
Pondera, capitão, não vás expôr-nos
Ao perigo que certo nos espera
Quando evita-lo poderemos inda!
O chefe que ao poder de seus caprichos
Submette sem temor os seus soldados
E' fraco capitão, é imprudente,
E' indigno do mando e de tal nome...

ALGUNS SOLDADOS.

Sim... é indigno de tal nome!

VIRIATO *(dando alguns passos para Dictalião com olhar ameaçador, e depois para os soldados com severidade).*

Ouviste?...

Covarde... que provocas rebeldia

Quando se busca defender a patria?!...
Imbecil... que imprudente tenho eu sido
Em te soffrer na minha companhia
Visto teres tão ruim comportamento;
Oh! numes... será crível quanto escuto!...
Estimar-se uma vida deshonrada...
Ver fugir ao perigo quando geme
A desgraçada patria abandonada
Ao furor dos Romanos oppressores?!...
Pois que é isso, queridos companheiros,
Cansados já estais da liberdade?!...
Tão suave vos parece o captiveiro
Que o antepondes ao bem mais precioso
Que podem desfructar humanos peitos!...
Unica cousa em que um dever sagrado
Nos manda só por ella expôr a vida!...
E julgais que perdendo a liberdade,
De novo sendo escravos dos Romanos,
Descanso encontrareis em vossos ferros?!...
Nem já vos recordais do negro exemplo
Que vos deu esse deshumano Galba?!
Desejais entregar-vos com presteza
Nas mãos desse pretor Serviliano
Que já sedento está de vosso sangue!
Que julgarei de tal procedimento?!...
Ah! podeis de uma vez desenganar-vos,
Meus bravos e queridos camaradas,
Que não encontrareis entre Romanos
Senão escravidão pesada e triste,
E um odio mais cruel que a mesma morte!
Sim... quereis que um Romano deshonrado
Que direitos não preza nem virtudes,
Compassivo se mostre inda comvosco
Só por ver que covardes deptyzestes
Armas que denodados empunhaveis
Para abater a sua altiva frente?!
Ai... possa elle ensopar-se em vosso sangue,
E saciar seu odio furibundo...
Que lhe importão os meios, conseguindo

Levar ao cabo seus projectos negros?
Nem vos deixeis vencer tão facilmente
Por discursos de um vosso camarada
Que Luso não parece, tal soldado
Que nutre semelhantes sentimentos.
Assim poderei ver em um só dia
Frustrados meus cuidados e desvelos
Dessas noites de longa vigilancia
Que só fazia em prol da liberdade!!
Se em Evora tão poucos conjurados
Fazendo juramento de vingança
Marcharam para a frente dos Romanos
Os vencendo por toda a Lusitania,
Triumphantes chegaram até a Betica,
Onde agora vos vejo vacillantes,
Que se dirá de vossa rebeldia
Depois de taes victorias alcançadas!!

(Unindo Osmia a seu coração.)

Minha querida filha! vem unir-te
A este teu velho pai que tanto adoras;
O signal do combate soar deve
Em pouco lá no campo dos contrarios,
Quando meus temerarios companheiros
Já sem valor fugirem do combate,
Honrados morrerão o pai e a filha
Defendendo da patria a liberdade.

(Murmurio entre os soldados.)

A patria vale mais que nossas vidas,
E só o infimo escravo desconhece
A gloria de tão alto sacrificio!

OSMIA (desembaraçando-se do pai e manejando a espada).

Sim, adorado pai, eu vos protesto
De morrer com valor ao vosso lado
Lá bem no centro da cruel peleja...
E córem de vergonha os Lusitanos.

Ao verem que a mulher suspira e morre
Pelo nome da santa liberdade...

(Voltando-se para os soldados).

Aonde está o valor, ó companheiros,
E o mesmo juramento que fizestes
Em presença das victimas de Galba?!...

SOLDADOS.

Levai-nos ao combate... sim... ao combate...

(Bradam todos no maior enthusiasmo.)

VIRIATO *(a Osmia).*

Ouves, querida filha! o amor da patria
Accende-lhes no peito o sacro fogo,
Que arde só pela santa liberdade...
Será vencido esse pretor Romano;
Debalde buscará assoberbar-nos.

(Aos soldados).

Até que emfim mostrais bem claramente
Abominar os ferros dos Romanos,
E que sois fortes e sabeis com honra
Por vossa cara patria e liberdade
Combater ou morrer por defendê-la.

(Toca uma corneta no campo inimigo.)

E' o signal.

DICTALIÃO *(com temor).*

Signal já do combate...

TENTALO.

O' gloria... ó minha patria... ó sacros numes...
Fazei que vencedor seja meu braço
Lá no campo entre nossos inimigos!

VIRIATO (*com enthusiasmo*).

Prezados camaradas... ao combate...
Vamos lá sustentar a liberdade
Que tão cara tem sido aos Lusitanos!
Para nós o pretor vem caminhando;
Marchemos sem demora ao seu encontro
Mostrar que seu poder não receiamos...
Bravos soldados, vamos ao combate...
Que a razão e o valor são a victoria!
Avante, pois, ao campo da batalha!
De Viriato a patria vos contempla,
Possa ella ao menos ver os nossos brios
Indo a morte buscar por defendê-la!

(Tocam as trombetas guerreiras em som de guerra, e Viriato e seus companheiros marcham em ordem de combate. Apenas desaparecem da scena entra logo Dictalião fugitivo, olhando para todos os lados. O tinir das espadas cada vez se ouve mais perto.)

—
SCENA II.

DICTALIÃO, DEPOIS OS COMBATENTES.

Ah! como escaparei a estes mofinos!...
A morte já ante meus olhos vejo
De negras vestes e medonho aspecto!
Como a peleja está encarniçada...
Como se batem com tremenda furia...

(Espiaando para o lado do combate.)

Porém que vejo... indubitavelmente,
Em face de inimigos tão potentes
Já busca em vão o Luso defender-se!
Ah! que intenso prazer eu sinto agora
Por ver que sua perdição é certa,
Que recuar já vejo seus soldados!
Vamos ver onde pára esta contenda,

Porque apesar desta pendencia minha,
Só com o vencedor quero partido.

(Desapparece com a mesma ligeireza com que entrou. Os Lusitanos vem recuando até o meio da scena, onde continuam a combater fortemente; os Romanos vão afrouxando pouco a pouco e os Lusitanos os levam de vencida deixando a scena vazia.)

—
SCENA III.

DICTALIÃO, E DEPOIS VIRIATO E SEUS COMPANHEIROS.

DICTALIÃO *(espiando para o campo da batalha).*

Sim... não me engano... os Lusos vencedores!...

Oh! que estranho valor... corro para elles,

Porque já posso partilhar na gloria

Que bem pouco custar me pôde agora!...

Para graças não-é o chefe luso,

E' capaz de tirar-me a propria vida

Se descobrir o meu procedimento...

Perfilar... á direita... marche.... marche. .

(Vai marchando para o lado dos combatentes. Viriato entra logo na scena com sua filha sobre um carro de guerra do pretor Serviliano, todo alcatifado de flores e puxado por captivos; atrás do carro vem Serviliano e muitos outros soldados romanos; os soldados lusitanos são os ultimos que chegam. Viriato desce para fallar aos seus soldados e Osmia fica em pé sobre o carro.)

TENTALO *(ao entrar do carro em scena).*

Caminho ao vencedor!...

SOLDADOS.

Ao Lusitano!...

CURIO.

Heroe da liberdade...

SOLDADOS.

E' gloria nossa!...

VIRIATO (*descendo do carro*).

Obrigado, valentes companheiros,
Ao vosso esforço devo a gloria toda
Que me póde caber deste combate.
Roma, a soberba Roma, envergonhada,
Triste deve curvar a fronte sua
Ante os feitos dos poucos Lusitanos,
Que cumprindo um santo juramento
Lhes tomaram vingança em campo aberto!
Eia, pois, ó soldados lusitanos,
Exultai de prazer, que ao valor nosso
Não podem resistir romanos peitos
Manchados com o sangue de innocentes...
O céo já sobre tudo é nosso guia...
Olhai o carro do pretor romano
Onde vós, triumphantes, conduzistes
Nos louros da victoria o chefe vosso!

CURIO.

Viva o valor de nosso chefe!

SOLDADOS.

Viva!...

SERVILIANO (*approximando-se de Viriuto*).

Valente capitão dos Lusitanos,
Não durmas sobre os louros verdejantes
Que conquistaste ovante em marcio campo,
Bem máo grado de minha pátria Roma!
Solida paz faremos, e se queres
Repousar das fadigas e os teus Lusos,
E' mister que nos dês a liberdade.
Eu bem sei quanto és nobre e valoroso
Em defender a causa tua, e todos
De tua patria amada, companheiros;
Sei que uma dôr teu coração domina
Que te faz desejar antes a guerra!

Guerra fatal... já essa idéa triste
Nutres na mente, a imagem figurando
Só de uma falsa gloria fugitiva!...
De parte põe todas as offensas;
Conhecerás então prudentemente
O quanto é doce a paz, quanto sublime
Viver em seu regaço meditando
Nas grandezas do céu... do mundo todo,
E louvando o Creator destes mysterios,
Desta vasta e profunda natureza!
E reparando após na lida insana
Desta rude peleja trabalhosa
Onde nem sempre Marte furibundo
Pôde a espada tomar em favor nosso
E onde a victoria duvidosa é sempre!
Vamos, me diz, ó capitão famoso,
Qual deve ser a sorte que me aguarda?

VIRIATO.

Pretor romano, que dizer te posso
Se inda vacillo nas palavras tuas,
Que mui bem retumbarão em meus ouvidos.
Se fossem á lisonja acostumados?!
Nem deixa o tigre de beijar os ferros
Quando geme por libertar-se delles,
E tu, pretor romano, és como o tigre!

SERVILIANO.

Ah! basta capitão, de taes ultrages,
Que não mais ouvirás dos labios meus
Uma só, nem sequer uma só phrase
Das que possa offender a quem se offende
De ouvir fallar em paz humildemente!
Ingrato, que te fallo sem rodeios
Esta linguagem pura de minh'alma,
Que nunca pôde essa fallaz lisonja
Nella embutir o seu veneno torpe.
Se os destinos da guerra te fizeram
A ti o vencedor no marcio campo,

Não deves abusar de minha sorte
Para que o céu proteja o teu destino.
Nem traidores são todos os Romanos
Como tu pensas, lusitano chefe ;
Se Galba tão fatal vos foi outr'ora,
Mandando assassinar aos Lusitanos,
No senado romano foi julgado,
Que o castigo lhe deu para o desterro,
Punindo deste modo o vituperio.
Matar-me podes, que eu não temo a morte,
Mas sonda bem primeiro a culpa minha,
Que sendo ella sómente o ser vencido,
Tremerás, Viriato, de teus crimes
E do raio dos numes vingadores.

VIRIATO.

Basta, estou convencido da innocencia
Que reside em teus puros sentimentos,
Nem para atraiçoar nasceram todos,
E conheço que nossa flicidade
Não é nas guerras que encontrar-se pôde ;
Vamos buscar na paz a segurança,
E com ella terás a liberdade,
E todos os que aqui são prisioneiros.

SERVILIANO.

As condições?

VIRIATO.

Que Roma reconheça
Independente, o povo lusitano !

SERVILIANO.

Acceito-as.

VIRIATO.

Podes partir sem armas,
E dizer ao senado as condições,
E que seja prudente em respeita-las ;

Porque Roma não ha de escravisar-nos
Emquanto houver um chefe lusitano...

CURIO.

Viva o bravo capitão!...

SOLDADOS.

Viva!... viva!...

(Viriato sobe de novo ao carro neste tempo, e os soldados lusitanos é que fazem rodar o carro com grande enthusiasmo, ao passo que os romanos vão despejando a scena, continuando sempre os vivas dos soldados lusitanos.)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

O theatro representa uma sala magestosa no palacio do pretor Cæpião em Carpetania, ha uma porta falsa do lado do espectador.

SCENA I.

OSMIA (só).

(Com um punhal erguido contra o peito.

Morrer..., ó céos... morrer na flor dos annos!...

Baixando o punhal como para descansar o braço.)

Sem poder estreitar nestes meus braços

Mais uma vez, meu pai... meu pai querido...

(Com resolução.)

Porém antes mil mortes que a deshonra

De barregan ser, de um pretor romano.

(Ergue de novo o punhal contra o peito, mas, como arrependida de um grande erro que praticava, abaixa de novo o punhal.)

Sim, era eu mesma que buscava a morte!

Morte sem fructo... e do tyranno gloria!...

(Dando alguns passos para o meio da scena.)

Oh! não... não morrerei, esse momento

Já rapido passou da mente minha...

Quero viver, porém viver com a honra

Que me tem conservado os sacros numes;

E quando assim o conseguir não possa,

Estando extinctos meus recursos todos,

Persistindo o malvado em deshonrar-me,

Então, oh! morrerei... porém, vingada!

(Depois de um momento de meditação, continúa.)

Cinco dias aqui já são passados
De cruel soffrimento e de amarguras
Sem mais novas saber do luso campo!
Que é meu pai vencedor, isso percebo
Na frente do pretor e dos soldados;
Comtudo, deve estar bem pezaroso
Meu querido pai, pela falta minha;
Que nem deve saber se eu inda vivo,
Ou se no meio do combate fero
Confundida fiquei entre os cadaveres!

(Vai escutar ao lado da porta falsa).

Sim... não me engano!... já distinguo os passos
Do meu senhor... do meu tyranno... oh! céos!
E poderei soffrer tal captiveiro!!

SCENA II.

OSMIA E CÆPIÃO.

(A porta falsa abre-se sobre o pavimento, o pretor entra e torna a fechar a porta que justa perfeitamente.)

CÆPIÃO.

Formosa Lusitana... vida minha,
Eis-me de novo na presença tua!
Oh! diz-me... mais feliz chamar-me posso?!

OSMIA.

Senhor, torno a dizer-te, sou escrava,
Assim o quiz o meu fatal destino;
Modera, pois, teu perenal desejo,
Poupa-me, se tu podes, a deshonra,
Se não em meu favor a morte chamo,
E baldados serão os teus designios.

CÆPIÃO.

É ousas tu, insensata, assim fallar-me,
Dando ao desprezo o meu amor ardente,
Que do intimo do peito te consagro?!
Estás em meu poder, és minha escrava,
No campo da peleja captivei-te
Quando venci teu vigoroso braço; (*com altivez*)
Sou teu senhor... e... basta...

OSMIA.

Mas não penses (*o mesmo*)
O' romano pretor, a quem desprezo,
Que por um tal modo humilhar-me podes,
Porque meu pai virá em meu soccorro
Com os bravos guerreiros lusitanos,
E a minha morte vingará.

CÆPIÃO (*á parte com admiração*).

O' nunes!

Sua eonstancia e varonil firmeza
Me confundem!... (*alto*). Enganas-te... enganas-te,
Que reforço de Roma vai chegar-me
Com que destrua os poucos Lusitanos
Que hão de buscar debalde resistir-me,
Assim como ao senhor, a vil escrava...
Que mesmo desdenhosa ha de render-se.

OSMIA.

Que horror!... que sentimentos d'um tyranno!
Tyranno... que perjura seus tratados...
Tratados por seu mesmo irmão acceitos!
Que se deve julgar de taes heroes?
Como devo julgar o teu character?
Terás acaso sentimentos nobres?
Oh! não. . tu és um monstro... és um perverso,
Nunca conseguirás os teus intentos...

O Céu é justo, elle ha de proteger-me
Contra o monstro que assim insulta os numes!...
Meu pai é livre e toda a lusitania,
Ah! vem... que se morrer serei vingada...

CÆPIÃO.

Oh! basta escrava vil... mais não prosigas,
Meu odio furibundo provocando,
Porque meu coração enraivecido
Me leva, pertinaz, a castigar-te.
Sabe tu que tratados nunca tive
Com nenhum dos soldados lusitanos ;
Meu irmão procedeu covardemente,
Reprovando o senado tal convenio
Em seu lugar me confiou o mando,
Com elle vos farei guerra mortifera.
Se infeliz fui no meu primeiro encontro
Comtudo não tirei máo resultado ,

(Em tom mais brando.)

Venci a filha d'um famoso chefe,

(Fitando Osmia com ternura.)

Venci-te, sim, querida e bella Osmia,
Tambem tu já meu coração vencestes...
Ah! perdôa... se eusei tanto offender-te...

(Mostrando-se arrependido.)

OSMIA.

Não vês a opposição de tua escrava?
Queres que ella levante os olhos ledos
Para quem lhe roubou a liberdade?!
Ah! e crês tu que eu possa amar-te ainda?!
Dentro do coração da Lusitana
Só podes encontrar mortifero odio,
Se odio cabe no peito d'uma escrava
Que geme pela sãnta liberdade!

CÆPIÃO.

Oh! basta... basta... eu saberei vencer-te,
E saberei tornar-te humilde serva:
Gente vem, vai, daqui te ausenta.

OSMIA.

Eu parto. (*Sahe.*)

SCENA III.

CÆPIÃO, CURIO E DICTALIÃO.

Os dous embaixadores entram sem darem por Osmia, que os observa por um momento antes de sahir.)

DICTALIÃO.

Saude ao grande Cæpião romano.

CÆPIÃO.

Bem vindos sejais.

CURIO.

Nosso luso chefe

Pezaroso nos manda interrogar-vos
A razão por que Osmia prisioneira
Retendes com rigor neste palacio:
Se é afim de humilha-lo neste trance
Com a desventura da querida filha,
Que vejas bem que um chefe lusitano
Mui longe de abater-se na desgraça
Altivo empunha a espada da vingança,
E não descansa na contenda justa.

CÆPIÃO.

Oh! e atreves-te na presença minha
Insensato, a fallar com tal arrojo,
De embaixador as leis menosprezando?!

CURIO.

Não sou eu, ó pretor, que assim vos fallo,
Que para isso nenhuns direitos tenho;
E' porém o distincto chefe luso
Que me ordena a fallar-vos desse modo.

CÆPIÃO (*á parte*).

Ah! eu tremo de raiva!

(*Voltando-se para Dictalião e disfarçando a colera.*)

Sem duvida,

Eu vejo que nenhuma culpa tendes,
Toda pesa no vosso infame chefe,
Que pensa com ameaças abater-me!

(*Com fingida affabilidade.*)

Só me dóe o infeliz destino vosso
Que vos vai conduziando ao precipicio
P'or esse cego amor que vos deslumbra,
Em face d'uma ideia de vingança,
Que vos faz conceber esse vil chefe!
Elle quer dominar-vos e reger-vos,
Quer n'um throno sentar-se e ter vassallos,
Por menos que vassallos ter escravos
Que attentos obedeçam a seu mandado
Sob o poder de sua tyrannia!
Porém, se vos apraz a liberdade
E voltar para sorte mais ditosa,
E' mister que succumba o miseravel
Que tão bem encaminha seus projectos,
Projectos que tolher inda podemos.

CURIO.

Viriato... senhor, é mais distincto
E mais nobre que todos os Romanos,
Para nelle pôrmos nossa confiança;
E' Lusitano... basta... (*Com altivez.*)

CÆPIÃO.

O que me dizes !
Pois acaso preferes ser escravo
Do que livre gozar a liberdade ? !
Ah ! como desejais seguir um chefe
Que só pela ambição é conduzido !
Acreditai, que se nos faz a guerra
Nunca foi por amor á Lusitania,
Porém só por certos fundamentos
Que em breve o levarão a dominar-vos !
Se nós em plena paz o consentissemos
Contra vós voltaria seus designios
Vos fazendo gemer na tyrannia,
Que com industria e arte forjado tinha !
Vêde, pois, desgraçados Lusitanos,
Que os males evitar podeis agora ;
Levai-o sem piedade ao sacrificio
Se quereis segurar a liberdade,
Pois tereis da republica romana
Sua amizade e protecção prestante :
Até mesmo o governo lusitano
Consentira que vós gozeis sem medo.

DICTALIÃO (*mostrando-se satisfeito com a proposição*).

Para o fazer assaz tenho motivos,
Motivos que depois dizer vos posso ;
E' mister me passeis um documento
Em que seja a promessa garantida
Pois eu tambem vingar-me quero agora ;
Já prompto estou, dai-me a fiança vossa,
Que em pratica vou pôr vosso projecto.

CURIO (*á parte fitando Dictalião com grande indignação*).

Oh ! céos... que miseraveis... que perverso !...

CÆPIÃO (*a Dictalião*).

Descansa, sem demora vou passa-la,

Quero ver o tyranno exterminado,
(*A' parte olhando para Curio de revez.*)
E tambem meus projectos acabados!

DICTALIÃO (*voltando para Curio.*)

Concordas no contracto?

CURIO.

Que contracto?!

Ah! queres tu, infame renegado,
Contractar o teu chefe e tua patria?!
Queres tu ver correr de novo o sangue
De pais e mãis, de filhos innocentes,
A troco de promessas infundadas
Que desprezar só deve um peito nobre...
Porém... és um covarde... um renegado!
Indigno Lusitano!...

(*Bate nos copos da espada, e finge arranca-la.*)

CÆPIÃO (*indignado*).

Tu, insensato...
Com que audacia a fallar assim te atreves,
Tomando a espada na presença minha?!...

CURIO.

De mim as negras furias se apoderam...
Minha razão se suffoca... e se souberas
Que vivo fogo me lacera o peito,
De assim ouvir tratar a patria minha
Por este embaixador, seu proprio filho...
Ah! quizera tirar-lhe a mesma vida
Antes que ver seu nome deshonorado!
Porém que?... Lusitano!... elle? (*indica*) já não creio.

CÆPIÃO.

Não mais... não mais prosigas... eu protesto
Que verás no teu proprio atrevimento

O rigor do castigo que has merecido,
E desde já te prohibo a liberdade.

(Voltando-se para Dictalião.)

Eu poderei contar com teus serviços,
Bravo soldado lusitano?

DICTALIÃO.

Oh!... sim...

Podéis sempre contar com meus serviços,
Eu não sou Luso, nem tal nome quero,
Se entre os Lusos passei por Lusitano,
Sempre Romano fui de nascimento...
Eu vos juro cumprir minha promessa
E contra os Lusos derramar meu sangue!

CÆPIÃO *(à parte)*.

Tudo... tudo caminha a meus desejos,
E vencidos serão os Lusitanos...

(Alto, a Dictalião.)

Vamos já formular nossos contractos,
Deixa o teu temerario companheiro
As saudades curtir da patria amada
Té que melhor destino dar-lhe possa... *(Vão-se)*.

—

SCENA IV.

CURIO *(só)*.

(Dando alguns passos horrorisado.)

Que situação a minha... ó desventura...
Como sobreviver a tanta infamia!...
Ai triste... desgraçada patria minha,
Nesta hora do meu negro soffrimento
Quem do abysmo fatal póde salvar-te?!
Sim... tudo é obra d'um fingido Luso...

Os chefes do commando quanto perdem
Não sabendo sondar esses traidores,
Covardes, interesseiros, que só buscam
Com mascara de humildes servidores
O momento que visam favoravel
Em que possam trahir seguramente!...
Era Romano... mas traidor romano...
Taes heroes não produz a Lusitania!...
Oh! Céos... Poder Supremo... sacros numes...
Ajudai-me a soffrer tamanho golpe
Neste meu coração desalentado!...

(Mostrando grande afflicção.)

Oh! sim... sim... dai-me sobrehumanas forças,
Tornai-me á desejada liberdade
Para a patria salvar do grande p'rigo
Em que ora, m'a figura o pensamento
Do captiveiro os ferros arrastando!

—
SCENA V.

CURIO E OSMIA.

OSMIA *(entrando pela porta falsa apressadamente).*

Valente Lusitano... nobre Curio!...
Se a vida de meu pai inda desejas,
E desejas ver livre a Lusitania,
Ah! corre sem demora em seu soccorro...
De meu pai vai salvar a doce vida
Que lhe busca roubar um assassino!
Oh! foge... vai depressa... os sitios deixa
Onde habita o pretor... o monstro horrendo

(Indicando-lhe a porta falsa.)

Ao jardim... do jardim para a floresta
Bem curto e solitario é o caminho;
Vai nobre Luso, libertar a patria
Que te chama anciosa em seu soccorro...

CURIO (*mostrando interior contentamento*).

Ai que prazer no peito agora sinto...
Mil louvores vos rendo, ó sacros numes!...
E vós, querida Osmia, vinde, vinde
Tambem vos salvarei do fero monstro,
Sim... sim... fujaamos juntos...

OSMIA.

Sem demora
Vai-te deste lugar tão miserando,
Se salvares a meu pai eu serei tua,
Vai... oh... vai... (*mostrando grande afflicção.*)

CURIO (*beijando-lhe a mão*).

Sim, eu parto, adeos... adeos...

(*Já no limiar da porta.*)

Treme agora de mim, traidor romano...
Que se para escapares ao castigo
Te fôras refugiar no mesmo inferno...
Nas mãos de Satanaz te mataria!... (*Vai-se.*)

—
SCENA VI.

OSMIA E DEPOIS CÆPIÃO.

OSMIA (*marchando com resolução para o meio da scena*).

Agora a minha perdição é certa...
Porém antes soffrer a dura morte
Que deixar succumbir meu pai querido
E da patria roubar a liberdade...
Que venha pois esse pretor infame...
Impacientemente aguardo a vinda sua
Não o temendo em face de seus crimes!

CÆPIÃO (*apparece á porta do fundo, cruza os braços e contempla Osmia por um momento, depois caminha para ella com passo vagaroso e grave, Osmia tambem cruza os braços e o espera com resolução.*)

Como procede a vil escrava minha,
Com tal atrevimento assim zombando
Do meu amor... e do poder supremo!...
Desgraçada, que déstes fuga ao preso,
Mulher de Satanaz... mulher ferina...
Treme de mim... que justicar-te quero...

(*Toma o braço de Osmia e forceja por leva-la para fóra da scena, porém ella, lhe fazendo vigorosa resistencia, arranca com a outra mão o punhal do seio e crava-lh'o rapidamente no seio fazendo-o cahir immediatamente a seus pés; Cæpião leva a mão á ferida.*)

Ai... desgraçado... morro... e sem vingar-me... (*Expira.*)

OSMIA (*depois de contempla-lo com indignação.*)

Desgraçado pretor... eis-te a meus pés;
Vingado está meu pai e a patria minha...
Posso cobrar de novo a liberdade!
Graças ao meu punhal e aos sacros numes
Protectores dos bravos Lusitanos!...

(*Fica com o punhal alçado inclinado para o pretor.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

O theatro representa a mesma vista do segundo acto.

SCENA I.

VIRIATO E SEUS COMPANHEIROS.

VIRIATO (*approximando-se de Tentalo*).

Sabe, amigo, que já receios tenho
Da tardança de nossos companheiros.
Talvez busque a traição erguer seu throno
De novo sobre os peitos lusitanos,
Onde já o ferro penetrar não póde.
Ah! quererão tentar inda mais crimes
Depois que lhes fizemos pagar caro
O negro proceder do infame Galba?!
Se o valoroso Plaucio e o forte Figulo,
Vencidos já por nós em marcio campo,
Lhes não mostram o poder de nossas armas,
Que busquem o valor dos Lusitanos
Que retumbou na descuidada Betica
Quando Claudio, rugindo por dez vezes,
Em vão accommetteu nossas phalanges,
E outras tantas, raivoso e delirante
Recuou confundido e temeroso,
Vendo enfim triumphar nossa bandeira!

TENTALO.

Eu creio, capitão, que toda a Roma
Não ignora o poder de nossas armas
Para mais perpetrar infames crimes;
Se bem que é seu character inconstante
Em desprezar as leis de seus tratados,
Mais tratados com elles não teremos;
O direito de nossa liberdade

Defenderemos do universo inteiro
Enquanto as armas empunhar um Luso !

VIRIATO.

Dá-me a tua mão, bravo Lusitano... (*Aperta-lhe a mão*).
A minha alma se expande alegremente
Ao ver um bravo defensor da patria
Nutrir no peito sentimentos taes !
Olha, querido amigo, o que lamento,
O que me peza mais, e mais tortura
E' ver que já no meio da victoria,
De louros ao cingir a fronte minha,
Depressa vi seccar as verdes folhas
Com a falta da minha cara Osinia !

TENTALO.

Assombrado o pretor de nossas armas
Ha de afinal soltar a vossa filha ;
Não receies, esperai tal resultado,
Que vencido por nós o temerario
Não ousar por muito longo tempo
Vossa filha reter no seu palacio.

VIRIATO.

Porém o vencedor, meu caro Tentalo,
Deve sempre aguardar de seu vencido
Algum projecto de cruel vingança.
Os vencedores da famosa Gallia,
Dos Africanos e valentes Persas,
Depois dessas victorias alcançadas
Muita vergonha houveram de ser vencidos
Pelas armas dos poucos Lusitanos
Que sua vergonhosa tyrannia
Tombar fizeram com valor prestante ;
E a fama das victorias alcançadas
Contra os guerreiros das longinquas plagas
Manchada ha de ficar eternamente
No cimo de seu grande Capitolio !

Ah! curva-te orgulhosa e augusta Roma,
Que o vilipendio te ennegresse a fronte!

(Uma sentinella brada ao longe, e a scena vai ficando escura pouco a pouco.)

Tentalo... ouviste!

TENTALO.

Ouvi; se fossem elles
Os dous embaixadores!

VIRIATO.

Vai ligeiro
Saber que novas temos.

TENTALO.

Sem demora
Com ellas voltarei de novo. *(Vai-se.)*

—
SCENA II.

OS MESMOS, MENOS TENTALO.

VIRIATO.

Céos!
Se fossem meus queridos companheiros
Que voltassem com minha cara Osmia...
Porém, talvez que bem fataes noticias
Tornarãe renovar minha tristeza
E meu triste pensar amargurado!

—
SCENA III.

OS MESMOS, DICTALIÃO E TENTALO.

DICTALIÃO.

Boas noites, capitão.

VIRIATO.

Que novas trazes ?

DICTALIÃO.

Ruins novas.

VIRIATO.

Pois sabe-las já pretendo..

DICTALIÃO.

Debalde Capião quiz seduzir-me
Para mais não voltar á patria minha !
Eu pude resistir e venci tudo...

(Affectando grande emoção.)

Porém meu companheiro, esse malvado
Renegou sua patria perjurando !...
Nem quer fazer paz o pretor contigo ;
Já soberbo de sua rica presa
De novo declara-te cruel guerra
Bem certo de findar os seus projectos
No primeiro combate em que se empenhe.

VIRIATO *(mostrando grande indignação)*.

Basta... quer guerra esse pretor infame !...
Tambem guerra faremos de exterminio...
Amanhã estes montes digam guerra,
E guerra digam os raios chammejantes
Abrindo as prenes nuvens lá no Céu !
Por toda a parte um echo, guerra diga,
E o sangue do pretor o justifique
Ao tingir esta espada lusitana...

(Arranca a espada.)

Vós ouvis, meus amados companheiros...
O soberbo pretor já nos despreza,
Em pouco tendo a resistencia nossa,
Nos responde com grande vilania

Pensando desse modo amedrontar-nos!
Ah! infame pretor, eu te detesto;
Em vão assoberbar tentas o Luso
A quem protege o santo amor da patria!

(*A Dictalião.*)

Que novas trazes da infeliz Osmia
Ao coração do pai entristecido?!
Oh! diz... é morta, ou deshonrada vive
Nos braços do pretor!...

DICTALIÃO.

A triste Osmia

Vive no captiveiro suspirando
Pelo dia da sua liberdade!
Ah! ella bem quizera acompanhar-me,
Se não fosse a severa vigilancia
Que lhe prohibe de dar um passo occulto!
Bem pena me causou seu triste pranto
Quando de mim se despedio chorando
Me dizendo banhada em suas lagrimas
Que lembrasse a seu pai o triste estado
Em que a vira em romano captiveiro.
(*Fingindo enxugar as lagrimas, e á parte com hypocrisia.*)
Como bem tenho disfarçado tudo!...

VIRIATO.

Triste de mim... ai triste... não prósigas,
Que sinto o coração despedaçar-se...
Agora vejo que a existencia é nada
Se acaso a paz do coração nos foge!...

(*A Dictalião com profundo sentimento.*)

Meu amigo fiel, eu te agradeço
Tantos serviços que me tens prestado
Mostrando meus errados pensamentos
Que concebido tinha a teu respeito.
Quanto á esse desgraçado, e infeliz Curio

Se tornar um traidor, um renegado,
Ha de o castigo ter dos sacros numes
Testemunhas do atroz procedimento...
Debalde buscará erguer seu ferro
Contra o de seus irmãos, os Lusitanos,
Que inerte ficará seu forte braço
Em frente dos intrepidos guerreiros,
Os mais leaes e honrados lidadores!...
Eia, meus companheiros, preparai-vos,
Porque amanhã antes que o sol desponte
Já em marcha estaremos para o campo
Onde a victoria disputar se póde...
Antes morrer no campo da batalha
Regando com o sangue a patria terra,
Do que ser de estrangeiros dominados...

(Toca o clarim a recolher.)

TENTALO.

Não nos falta valor, mormente quando
Já nos anima tão distincto chefe:
Para o combate preparar-nos vamos
Pois comvosco seremos vencedores
Ou lá, ao vosso lado, morreremos
Defendendo da patria a liberdade!

(Vão-se todos e fica Viriato só.)

SCENA IV.

VIRIATO.

Bem resignados vejo os meus soldados
Soffrendo mil trabalhos sem queixumes!...
Ora, pois, é preciso ter coragem
Para affrontar os sentimentos intimos
Que sinto o coração despedaçar-se.
Oh! minha patria... ó liberdade amiga...
Enquanto viver, viverás comigo
Porém inda depois, querida patria

Tu reconquistarás os teus direitos
A' custa de combates e fadigas...
Sim... pois a mãe de tão valentes filhos,
Que tão honrados sentimentos geram,
Liberta deve ser dos duros ferros
Que lhe busque lançar nação estranha.

(Recolhe-se lentamente ao seu aposento.)

SCENA V.

DICTALIÃO *(só)*.

A scena vai ficando quasi de todo escura, e Dictalião entra vagorosamente com um punhal na mão.

Ah! enfim... é chegado esse momento
Por quem tanto meu peito se agitava!

(Vai espiando cautelosamente por toda a scena.)

Ninguém... este silencio é-me propicio...
Seguros são meus passos... sim, ávante
Que neste ferro confiança tenho,
E nelle está hoje a ventura minha
Ou a minha sentença de exterminio...

(Entra para o aposento de Viriato, dahi por um momento ouve-se um gemido, sahindo após com o punhal ensanguentado. Vai elle caminhando para fóra da scena a passos largos espavorido, quando Curio vem entrando pelo outro lado da scena vagorosamente.)

Oh! raiva... Curio, aqui perder-me pôde.

(Ao avistar Curio.)

Eu devo aproveitar este momento,
Em lugar de uma victima, são duas...
Se do pretor frustrou a vigilancia
Deste punhal não frustrará o golpe!

(Vai com o punhal direito para Curio, porém suspende os passos, como ferido por outra idéa; entra de novo no aposento de Viriato e sahe sem o punhal; tudo isto faz com tal ligeireza que Curio não pôde dar fé.)

Oh! estou salvo... meu triumpho é certo...

(Desapparece, e Curio continúa em busca do aposento.)

—
SCENA VI.

CURIO.

Sim, afinal pude chegar a salvo!

(Entra no aposento de Viriato.)

—
SCENA VII.

DICTALIÃO E SOLDADOS DE FACHOS ACCESOS.

(Dictalião se dirige com os soldados para o aposento, alguns o invadem logo, e trazem Curio preso, e um delles traz o punhal ensanguentado de Dictalião.)

SOLDADOS.

Curio!...

TENTALO *(fitando Curio com grande admiração)*.

Tu assassino!... desgraçado...

Ah! e pudeste... justos céos!...

CURIO *(quasi desorientado, olhando para todos)*.

Oh! nubes!...

Onde estão vossos raios de vingança,

Se é certo que os retendes lá em cima!...

Sim!... porque não mostrais o poder vosso...

Porque os não fulminais contra este monstro?!

(Encarando com horror a Dictalião.)

DICTALIÃO *(baixo a Curio, approximando-se delle)*.

Bem cruel deve ser teu soffrimento...

Que provas não darás que justifiquem

Nem a tua innocencia, nem meus crimes...

Tu assim o quizeste: é obra tua...

CURIO.

Ah! és tu o traidor que assim me fallas...
Es tu, vil assassino... renegado?!...
E crês que eu tema a morte... sim... a morte..
Quando meu coração é innocente!!
Oh! vai-te de meus olhos... insensato...
Que me roubas a luz com teus embustes...
E já meu corpo treme, e a voz me falta,
Não por temer teu infernal projecto,
Pois espero que os céos me justifiquem,
Mas, por de nojo, não poder mais ver-te...
Afasta-te... *(com horror e desprezo.)*

DICTALIÃ) *(baixo de novo a Curio).*

Debalde tu trovejas....

(Voltando-se para os soldados).

Vamos, soldados, cumpre justiça-lo,
Já em delirio está o criminoso,
Levem-n'o sem demora...

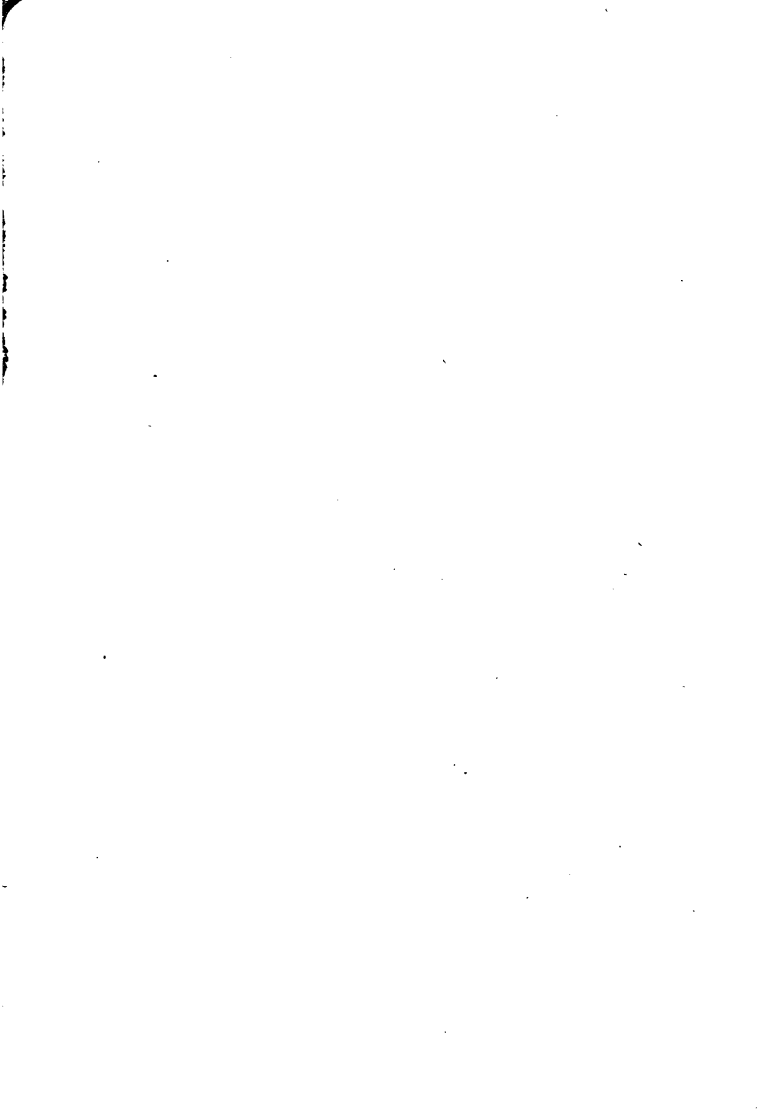
(Os soldados vão-se com Curio.)

DICTALIÃO só, *quasi no fundo da scena com a mão alçada.*

Minha estrella...

Minha feliz estrella..., sê comigo,
Que o terrivel triumpho será nosso!...

FIM DO QUARTO ACTO.



ACTO QUINTO.

O theatro representa uma praça em Evora, no meio da qual está um rico tumulo que encerra os restos mortaes de Viriato; é este o dia das suas honras funebres.

SCENA I.

CURIO, MINUNCIO E MURILLO.

Curio está acorrentado ao pé do tumulo, e os dous lhe fazem guarda passeando a pouca distancia.

CURIO (*erguendo a face macilenta para o Céu.*)

Oh! Céos! onde estou eu... quaes são meus crimes!...
E a causa de tão grande soffrimento?
Injustos sois, que permittis que possa
Da miseranda victima innocente
Triumphar esse algoz... esse verdugo...

(*Olhando com magua em torno de si.*)

Ai, que martyrio... que supplicio é este
Que negro faz meu coração gemente!
Só por amigos estes ferros tenho,
Que são neste soffrer o meu consolo,
Os meus inseparaveis companheiros...
De cada vez mais os apérto e beijo!...

(*Beija os ferros.*)

Sim, meus amigos... meus fieis amigos,
Testemunhas do meu amargo pranto,
Acho doce comvosco o captiveiro;
Separar-nos agora... só a morte...
A morte!... (*Pausa.*) Vou morrer... quanto me custa
Despedir o meu ultimo suspiro
Sem ao menos peder justificar-me!...

Innocente morrer... eu innocente!
Será crível, ó Céos, que se consuma
Desse verdugo tão infernal projecto?!...

(Fica de novo com a fronte abatida.)

MINUNCIO *(a Murillo)*.

Quanto lamento sua triste sorte!

MURILLO.

Quem pudera, Minuncio, caro amigo,
Duvidar que não haja aqui mysterio,
Mysterio horrivel nos queixumes seus?!...

MINUNCIO.

Se descobrir pudermos, Murillo,
Um meio bem seguro e verdadeiro
De poder perscrutar esse mysterio,
De nossa descoberta prazenteiros
Aos numes renderíamos mil louvores.

MURILLO.

Vamos interroga-lo.

MINUNCIO.

Desejava.

MURILLO.

Talvez seja innocente.

MINUNCIO.

Pobre Curio!

Não posso acreditar ser criminoso.

MURILLO *(approximando-se de Curio)*.

Desejavamos saber, ó triste Curio,
O soffrimento que no peito sentes,
E o mysterio que envolve teus queixumes.

CURIO (*erguendo a fronte como acordando de um sonho*).

Quem falla no meu nome! quem me chama?
E quem busca saber meus soffrimentos!

(*Fitando attentamente Murillo.*)

Ah! és tu, que me queres? vens acaso
De novo injuriar o triste Curio,
Que definha no meio do martyrio?!
Oh! deixa-me ficar entre meus males,
Benigno é quem respeita o desgraçado...
Não queiras augmentar este meu trance!...

MURILLO.

Já de offender-te estou arrependido,
Inda que mesmo mais culpado fosses.
Sim, que me importão os crimes commettidos
Se o criminoso tem soffrido tanto?
Demais, é duvidoso o teu delicto,
Sempre tiveste um coração heroico
Indigno de fazer tal desatino.

CURIO (*com ar mysterioso*).

Dictalião... não sabem... o perverso...
Foi o traidor... elle o assassino infame...
Que nos trahio... que me imputou o crime!...
Oh! Céos... e eu sou a victima innocente!...

MINUNCIO.

Sem teres provas, como acreditar-te
Poderão os soldados lusitanos?!...
E como ainda mostrar tua innocencia
Ante os olhos de teus accusadores?

CURIO (*com profundo sentimento e pausadamente*).

Oh! nem mais buscarei justificar-me;
Venham embora esses tratos infernaes,
Que para os justos numes eu appello...
Espero nelles encontrar justiça

Porque conhecem a innocencia minha,
E desse accusador o crime horrendo!
Só me peza deixar a cara patria
Por quem tantos tormentos hei soffrido!

MINUNCIO (*espiando para o lado da campo*).

Chegado é o momento do torneio,
Para aqui se dirigem cavalleiros;
Coragem, Curio, e os nunes te protejam.

MURILLO.

Infeliz Curio! assaz eu te lamento!
Coragem, pois, os Céos sejam contigo;
Elles possam mostrar tua innocencia
Antes que venha esse fatal momento.

CURIO (*apparentando alguma alegria*).

Oh! Céos, inda me restam alguns amigos;
No meio da desgraça os reconheço!

—
SCENA II.

OS MESMOS E OS CONTENDORES.

(*Grande numero de soldados se formão em volta da praça, os contendores entram dez de cada parte e dão começo ao torneio, investindo primeiro de lança e depois de espada; acabada esta etiqueta os pagens entram e levam os cavallos, e os contendores vão depositar as armas em volta do tumulo de Viriato.*)

DICTALIÃO (*caminhando na frente dos contendores*).

Está finda, senhores, a etiqueta
Em que as cinzas honramos do finado,
Agora a victima presente temos
Para remate dos deveres nossos;
Só falta agora o rei dos sacrificios,
Já sem demora vou mandar chama-lo;

(*Voltando-se para Minunção.*)

Que o rei dos sacrificios compareça.

SCENA III.

DICTALIÃO (*baixo, aproximando-se de Curio*).

Oh! de balde, insensato, tu buscaste
Descobrir os meus crimes e perder-me,
Que gravado será teu nome infame
Bem no fundo dos peitos lusitanos!...

CURIO (*olhando para Dictalião com desprezo*).

Oh! silencio... traidor... não mais prosigas,
Que mais não póde o coração amargo
Escutar tua voz maldita... ó Céos!...
Inda ficais immoveis... se sois justos
Por que não fulminais o monstro horrendo
Que assim se atreve da innocencia minha
Zombar... e ter em pouco o poder vosso!...

MURILLO.

Oh! deoses da patria, olhai por elle
Que triste geme nos tyrannos ferros
Talvez fundidos na tração forjada!

(*A' parte com grande sentimento.*)

SCENA IV.

OS MESMOS, MINUNCIO, E O REI DOS SACRIFICIOS.

(*O rei dos sacrificios vem vestido com uma tunica preta e um gorro de velludo encarnado na cabeça, com luzente punhal na cinta.*)

CURIO.

Emfim vão acabar meus soffrimentos...
Já nada mais me resta nesta vida...
A' eternidade vão meus pensamentos!...
Vem o algoz terminar meus tristes dias
Como se fôra réo de infames crimes...

Numes... ó numes... eu de novo imploro,
Sejais ao menos juiz... sou innocente!...

(Diz estas ultimas palavras com profundo sentimento e grande resignação.)

—
SCENA V.

OS MESMOS E OSMIA.

(Osmia entra ao tempo que o algoz se aproxima de Curio).

OSMIA.

Lusitanos... heroes da liberdade...

Afinal, sou chegada a salvamento!

(Reparando em Curio e no algoz que delle se aproxima.)

Ah! que horror... suspendei o sacrificio,

Não toquem vossos ferros a innocencia;

De traições basta... e de execrandos crimes

Perpetrados á face do universo!...

DICTALIÃO *(áparte com embaraço).*

Aqui esta mulher perder-me póde,

O fero Satanaz foi quem m'a trouxe...

Oh! sim, foi esse máo genio do inferno

Se existe, como dizem os *Prophetas*,

Só para a punição de nossos crimes!

OSMIA *(aproximando-se de Curio e olhando para todos).*

Onde está seu accusador... dizei-me!

Dizei-me quem é esse monstro horrendo

Que tanto emprehende, e a consummar se atreve!

DICTALIÃO *(adiantando-se um pouco para Osmia).*

Eu, sou eu.

OSMIA *(encarando-o com grande indignação).*

Ah! és tu; eu bem suppunha,

Pois que ninguem pelo universo inteiro

Mais cruel coração teria!

DICTALIÃO (*áparte, no auge do desespero*).

Oh! sim... é certo... Satanaz... existe!...

OSMIA (*de novo aos soldados*).

Lusitanos, heroes da liberdade,
O seu accusador é o assassino...
O assassino execrando de meu pai!
Cheios de horror da patria os sacros numes
Salvaram-me do poder dos inimigos
Para vos descobrir traição tamanha!
Ahi tendes, pois, esse cruel malvado,

(*Apontando com resolução para Dictalião.*)

Castigai-o de seus atrozes crimes,
Que é o monstro assassino e renegado!

DICTALIÃO (*voltando-se para todos os soldados*).

Companheiros... não vêdes... está louca;
Vós não deveis ouvir essas calumnias
Proferidas sem tino, ao desvario,
Com o fim de salvar o criminoso
Pelo mesquinho amor que lhe votára!...

OSMIA (*approximando-se mais de Curio*).

Louca!... assim disseste tu... e não previste
Assassino romano... traçoeiro...
Que uma prova tremenda te condemna
Em face dos soldados lusitanos!

(*Voltando-se para os soldados, dá a Murillo um papel que tirou do seio.*)

Eia... tomai-a!

DICTALIÃO (*áparte com grande inquietação*).

Agora estou perdido!...
Sim... desgraçado... a minha perdição é certa!

(*Emquanto Murillo está lendo elle vai-se occultando por detrás dos soldados até desaparecer.*)

MURILLO (*lendo*).

- « Eu juro, e cumprirei mui fielmente,
- « Sob pena de perder a propria vida,
- « De aos Romanos prestar os meus serviços,
- « Exterminando o chefe Lusitano
- « Logo apoz entregando seus soldados
- « Ao poder dos romanos senadores.

« *Dictalião.* »

(*Antes do fim da leitura deste documento, já alguns soldados vão após de Dictalião que com grande arte busca escapar-lhes.*)

MURILLO.

Morra esse infame... morra!...

SOLDADOS.

Sim... sim... morra!...

—

SCENA VI.

OS MESMOS, MENOS DICTALIÃO E SOLDADOS.

OSMIA (*ajudando a soltar Curio*).

Infeliz Curio, a tempo não chegaste,
Eu já entre Romanos o sabia!...
Se procurei salvar a minha vida
Por entre bosques e nocturnas sombras,
Foi por liar os Lusos de tal monstro,
E a ti, fiel, e desgraçado Curio,
Do ferro desse algoz que te aguardava
Bem sedento talvez de ver teu sangue!
Ai de mim que fiquei ao desamparo,
Privada do meu pai que tanto amava...
Assim o quiz o Céu, foi meu destino.
Resta-me a patria, morrerei com ella!

CURIO (*já posto em liberdade*).

Estou livre dos ferros!... Justificado...
Oh!... acaso será tudo isto um sonho...
Um sonho que me leva á eternidade
Embalado na sombra da ventura?!

(*Fitando Osmia.*)

Porém, não... quo eu bem vejo aqui Osmia,
Que o Céu cá enviou em meu soccorro
P'ra livrar-me do poder de meu verdugo...
O Céu é justo... sim, é poderoso,
Esta scena da vida é obra sua!...
Ah! quão benignos são os seus decretos
E mesquinha é a humana intelligencia
Quando descrê da sua Omnipotencia!...

SCENA VII.

(*Os mesmos e Dictalião morto em uma padiola, o rei dos sacrificios ao seu lado com o punhal ainda tinto de seu sangue.*)

OSMIA (*levando Curio pela mão ao meio da scena*).

Lusitanos! heroes da liberdade...
Vingadores das victimas de Galba,
Sabei que já o Cæpião é morto;
Com meu punhal lhe terminei seus dias
Para meu pai vingar e a Lusitania!
Graças aos numes que cheguei a tempo
De salvar a victima innocente,
O mais fiel dos bravos lusitanos!
Agora só vos falta um novo chefe,
Acclamai-o, que é digno de tal nome;
Possa elle sustentar a liberdade
Que nos buscam roubar esses traidores,

SOLDADOS.

Sim, nós o cremos... seja o nosso chefe.

CURIO (*radiante, tomando uma lança e cruzando-a sobre o tumulo de Viriato*).

Patria dos Viriatos, patria minha...
Eu juro defender os teus direitos,
Por ti, sacrificando esta existencia,
Este doce viver de soffrimentos,
Que soffrer innocente é viver doce
Se lá nos justos Céos depositamos
Fé sublime que anima a esperança nossa!...
Enxuga, pois, ó patria, o triste pranto
Que derramas na ausencia de teu filho,
Cobra alento, que os numes são contigo,
Segundo Viriato empunha a lança...
Jurando firme pelas caras victimas
Sacrificadas ao furor romano,
Guerra exterminadora a teus tyrannos!...
Por testemunhas tomo os sacros numes
Que me escutam lá no alto firmamento...
Amados lusitanos... sou comvosco,
Levar-vos quero ao campo da batalha,
Vamos lá sustentar a liberdade
E a fama dos guerreiros lusitanos...

(Cantam todos em côro).

« Inermes ci..zas vos erguei do tumulo,
« Vinde comnosco defender a patria,
« Que busca afflicta libertar seus filhos
« Do jugo atroz desses crueis tyrannos!... »

FIM DA TRAGEDIA.



LISTA

DOS SENHORES QUE ASSIGNÁRÃO PARA ESTA OBRA



Adão Gomes Teixeira	1
Alexandre Candido Rebello	1
» Luiz Pereira de Vasconcellos	1
Agostinho Ferreira da Silva	1
Agostinho de Souza	1
Anonymo	1
Antonio da Costa Ferreira Mondego.	1
» José Bastos	1
» » Bahia	1
» » de Barros	1
» » Ferreira.	1
» » Siqueira Vianna	1
» » Faria Guimarães	1
» » Alves Guimarães	1
» » Ribeiro Guimarães	1
» » Pereira Bastos.	1
» » de Araujo e Silva.	1
» Joaquim Gomes Simões.	1
» Gonçalves e Castro.	1
» da Rocha Souza Pinto	1
» Gomes de Azevedo Fortes	1
» Alves de Cruz	1
» Martins dos Santos	1
» Mendes da Silva	1
» Francisco Garvalho Souza	1

Antonio Pereira Pinto de Castilho	1
» Vieira Bastos.	1
» Clemente Souza Gonçalves	1
» da Silva Santos Porto	1
» Gomes Monteiro	1
» Soares da Gama Bastos.	1
» Cardoso de Sá.	1
» Duarte Claro	1
» de Souza Pinheiro	1
» Gonçalves da Silva	1
» Francisco Alves Salgueiro	1
» Gomes da Cruz Braga	1
» da Costa Guimarães.	1
» Gomes de Pinho.	1
» Francisco dos Santos	1
Augusto José Moreira da Silva	1
» Pereira Machado.	1
» Maria de Abreu	1
Bento Serzedello	1
» Augusto Leitão.	1
Bernardino Pereira Leite	1
» de Souza Ferreira	1
» de Senna Pereira Rosa	1
» José Ferreira Cardoso Guimarães	1
» Marques Morcira.	1
» Cardoso Silva.	1
Candido José Marinho.	2
» Augusto Ribeiro	1
Conrado Alves de Souza	1
Carlos Valério Rodrigues de Carvalho	1
Constantino Pinheiro da Fonseca	1
Daniel José da Cunha	1
Ernesto Rodrigues da Silva	1
Faustino José da Silva.	1
Feliciano José Martins.	1
Ferreira & Gil	1
Fortunato José Peixoto	1
Francisco Martins dos Santos	1

Francisco Xavier Souza Pinto	1
» José da Silva Castro	1
» Ferreira Marques	1
» José Jacintho Ca valho	1
Frederico Guilherme Alberto.	1
» Fernandes de Paz	1
Gaspar Joaquim da Costa.	1
» Ribeiro de Almeida Barros	6
Gatiard- & Sobrinho	1
Horacio Teixeira Lopes Guimarães	1
Henrique Pereira Pinto de Nogueira	1
Jacintho Soares Muniz	1
João Barbosa Bastos	1
» José Barbosa de Castro	3
» Manoel Fernandes	1
» Antonio Martins Tinoco.	12
» Ignacio Godinho	1
» Gonçalves do Valle	1
» Antonio da Costa Guimarães	1
» Gonçalves Pinto	1
» de Azevedo Malheiros	1
» Joaquim Pereira.	1
» Moreira Vaz	1
» Teixeira Guimarães	1
» Eduardo de Azevedo.	1
» Pereira Leite Bastos.	1
João Rjsas	1
Joaquim José Gonçalves	1
» Pereira Carneiro.	1
» Marques Peixoto.	1
» de Freitas Guimarães	1
» Nunes de Moraes	1
» José Moreira Guimarães Junior	1
» Guimarães	1
» Teixeira Dias Torres	1
» Francisco de Araujo.	1
» da Silva Rebello.	1
» Ferreira da Costa	1

Joaquim Luiz Vieira	1
José Joaquim Coelho da Silva	1
» » Baptista de Moura	1
» » Vieira da Costa	1
» » da Silva Telles.	1
» » da Silva.	1
» » Rebello Maia	1
» » Condessa	1
» Amaro Rodrigues Pinto	1
» da Fonseca Dias	1
» Ferreira da Costa	1
» Maria de Oliveira	1
» Dias Braga	1
» Pereira Lopes Guimarães	1
» Maria Peixoto.	1
» » Francisco de Oliveira Bastos	1
» Bento Rodrigues dos Santos Viseu	2
» Patricio Alvares Mourão	1
» José Domingos da Silva Braga.	1
» Guilherme da Silva Martins	1
» Maria de M. Bastos	1
» Queiroz de Freitas Guimarães	1
» Coelho de Magalhães	1
» Bernardino da Silva Maia	1
» da Costa Ferreira Souto.	1
» Ferreira de Andrade.	1
» Dias Lopes	1
» Ramos da Costa Guimarães	1
» de Araujo Vasconcellos Alvim	1
» Povoas Junior	1
» de Araujo Guimarães	1
» Rodrigues de Carvalho	1
» Maria Salgueiro	1
» Maria Teixeira da Costa.	1
» da Silveira Junior	1
» Maria da Costa	1
» Clemente Affonso Castro	1
» Ignacio Ferreira de Azevedo	1

José Cardoso de Moraes	1
Julio Alberto Pinto	1
Libano José de Azevedo Barros	1
Lourenço Augusto Cordeiro	1
Luiz Antonio da-Rosa	1
» Maximo Pereira Pinto	1
» Bernardo Gonçalves Pereira	1
» Antonio Dias Peixoto	1
» » Pereira Rebello	1
» » Meirelles	1
» » Antunes	1
» » da Rosa	1
» Antonio Ferreira Marques	1
» da Silva Soares	1
» Siqueira. Resende	1
» da Costa	1
» Gonçalves Capella	1
Manoel Alves Dias Braga	2
» Nunes Louzada	1
» Ignacio Mendes	1
» Joaquim Domingos Tinoco	2
» Fernandes da Cunha	1
» Duarte da Silva	1
» Garcia da Rosa	1
» de Almeida Vaz	1
» Ferreira da Costa	1
» Dias de Almeida	1
» José da Gama	1
» José de Medeiros Rezende	1
» » Fernandes Lage	1
» » Gomes	1
» » Santarem	1
» Lourenço de Oliveira	1
» Gonçalves	1
» Gomes	1
» Alves Ferreira Souto	1
» Francisco de Almeida	1
» Caetano de Oliveira	1

» Ferreira Torres	1
» de Oliveira Monteiro	1
» Antonio Pereira	1
Martins de Sá	1
Maximiano José dos Reis	1
Nicoláo Antonio Alves	1
Norberto José da Silva Coelho	1
Raimundo Ribeiro Alves Torres	1
Rodrigo José de Carvalho	1
Rufino Fernandes de Araujo	1
Severiano Antonio Olaiá Vianna	1
Valeriano José Pacheco	1
Venancio dos Santos Pereira	1
Vicente Alves da Silva	1
Victorino da Silva Moreira Meirelles	1
Zeferino Otero de Carvalho	1

Não fôrão publicados todos os nomes dos Srs. assignantes como desejavamos, por não termos recebido todas as listas a tempo de o pôdermos fazer.

O AUTOR.

